



o LENTO

ESQUECIMENTO

de SER



MIGUEL D'ALTE



NOTA DO AUTOR

Como escreveu John Fante no prefácio de *A Primavera Há de Chegar*, Bandini, não consigo pensar em *O Lento Esquecimento de Ser* sem perder o seu rasto no passado. As tardes de escrita em Luanda, as longas noites de indefinição no Porto ou em Freixo de Numão, as semanas em Paris no verão de 2020, as madrugadas no sofá da Rue de L'Avenir, no Luxemburgo — lugares atravessados pela esperança de que, no fim, a história encontrasse o seu caminho.

Quando terminei, era o meu primeiro romance. Um lugar de partida e um lugar de chegada. Há em nós a estranha tendência para acreditar que tudo o que nos marcou pertence ao passado, como se os dias mais felizes, os lugares mais importantes ou as pessoas que verdadeiramente nos mudaram fossem, por definição, inacessíveis. Escrever é, talvez, o mais próximo que existe de regressar ao que julgávamos perdido.

Hoje, passados vários anos e outros livros publicados, percebo que aquilo que permanece é a viagem que cada história obriga a fazer. Voltar a este romance foi regressar ao escritor que era antes de conhecer tudo o que veio depois. Reconheço-lhe as inquietações, os entusiasmos, até as imperfeições. Não senti, porém, vontade de o reescrever. Os livros pertencem ao momento em que são escritos, e este pertence a esse tempo.

Se esta nova edição permitir que *O Lento Esquecimento de Ser* encontre novos leitores — ou que reencontre, com gratidão, aqueles que o leram pela primeira vez —, então terá cumprido o seu propósito. Porque, tal como as pessoas, também os livros merecem uma segunda oportunidade.

Miguel d'Alte

Para a Sara, a minha maior aventura.
Para o Frederico, a nossa.

Qué lástima que pase el tiempo, ¿verdad?, qué lástima que nos muramos y que nos hagamos viejos y que las cosas buenas se vayan alejando de nosotros al galope.

ROBERTO BOLAÑO, *Os Detetives Selvagens*

Paris
8 de março de 2001

Quando cheguei à banca de jornais naquela manhã, todos falavam da morte de Henri Benoît. Tinham passado dez anos desde o nosso último encontro. Reconheci o seu rosto na primeira página do *Le Figaro*. Era a mesma fotografia que vinha na contracapa do seu último romance, publicado há trinta e três anos, nas vésperas da revolução. Habitualmente comprava o jornal e lia-o em casa, mas, nessa manhã fria de inverno, folheei-o ali mesmo, curvado para dentro das páginas. Tive uma vida maldita, ouvi-o dizer, no tempo, por entre o fumo dos cigarros.

Com as mãos a tremer e os olhos húmidos, não sei se do frio se do choque, paguei o jornal e trouxe-o de volta para o apartamento na Passage Penel. Preparei uma chávena de café e sentei-me à mesa, com o jornal aberto à minha frente. O silêncio rodeava-me. Tirei um cigarro do maço ali pousado, as mãos tremiam-me, tinha o rosto retorcido, uma mistura de ansiedade e angústia.

**Morreu Henri Benoît, o autor desaparecido
de *Em Memória de Nós*. Tinha 73 anos.**

Henri Benoît, um dos maiores romancistas da década de 1960, desaparecido após os acontecimentos do Maio de 1968, foi ontem

encontrado morto aos 73 anos, em casa, no Porto, em Portugal, onde aparentemente vivia exilado.

«O mistério sobre o seu paradeiro terminou», disse Nathalie Descout, a antiga editora do escritor, agora reformada, ao *Le Figaro*. «É um momento muito triste. Henri era um dos últimos escritores vivos de uma geração inconformada que marcou a história da literatura francesa e não só. Infelizmente, não publicava há mais de trinta anos, mas os seus livros perduraram estas décadas todas.» Nascido em Étretat, em 1928, Henri Benoît publicou o seu primeiro romance em 1956, aos 28 anos, intitulado *A Sul do Abismo*, que teve uma aceitação modesta por parte da crítica. Em 1962, após mais um romance de breve sucesso, *As Ruínas*, lançou *Em Memória de Nós*, considerada a sua grande obra, laureada com o Prémio Goncourt e, muitas vezes, comparada ao livro de F. Scott Fitzgerald, *O Grande Gatsby*. Autobiográfica, ficciona a sua chegada a Paris com o amor da sua juventude e a busca incessante dos sonhos. No início de 1968, após seis anos de interregno, Henri Benoît publicou o que viria a ser o seu último romance, *Quando o Dia se Retira*, considerado um dos dez livros mais influentes do último século pelo *Le Monde*, ao lado de obras como *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre; *Lolita*, de Vladimir Nabokov; ou *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez.

Conhecido pelo seu realismo sujo e por uma técnica de narração que viria a ser uma característica dominante do seu ficcionismo, Henri Benoît foi, durante muitos anos, a influência de novos escritores que ganharam o seu espaço no cenário literário na década de 1970. Para isso contribuiu o seu papel como professor na Sorbonne durante o ano letivo que culminou nos acontecimentos do Maio de 1968, movimento ao qual se associou lutando contra o conservadorismo moral e social predominante na França do pós-guerra. Após esses acontecimentos, o polémico escritor desapareceu misteriosamente da ribalta literária. Não voltou a escrever nem a aparecer em público e, apesar de toda a expectativa em seu redor,

não mais foi avistado em Paris, ou noutro lugar, o que deu azo a muitos rumores e suposições, inclusive que estaria morto.

Durante todos estes anos, a sua editora sempre se recusou a comentar o seu paradeiro. Até hoje, dia em que informou a comunicação social da morte de Henri Benoît, no Porto, onde vivia misteriosamente afastado dos holofotes. Por sua escolha, ficará enterrado no Cemitério do Prado do Repouso, também nessa mesma cidade. O seu funeral realizar-se-á amanhã.

Na cabeça de todos os admiradores, resta a pergunta: o que aconteceu a Henri Benoît, escritor excêntrico e personagem marcante da Paris dos anos 1960, no Maio de 1968? Porque é que desapareceu durante mais de trinta anos?

Quando terminei, fechei o jornal e apaguei a beata no cinzeiro cheio. Não tive coragem de lhe contar a verdade sobre o telefonema para Étretat, pensei, e agora é tarde. Levantei-me e, apoiado na bengala, caminhei devagar pelo espaço, a cozinha desarrumada, os sofás gastos e puídos. Retirei da estante um livro. A capa representava um quarto vazio. O título estava escrito a letras vermelhas pintadas na parede estragada: *Em Memória de Nós*. Abri-o e, de dentro, caiu um envelope, uma memória amarelecida pelo tempo, um eco desvanecido daqueles dias que passáramos juntos e que tinham terminado com Henri a expulsar-me de sua casa.

Naquele instante, o telefone tocou, interrompendo-me. Quem fala?, perguntei. Sou eu!, ouvi do outro lado da linha. Olá, Margot, suspirei. A Anne não pode passar o fim de semana contigo. O que foi desta vez? Vai passar o fim de semana com os amigos. Por uma vez, até me dá jeito. Tenho de me ausentar do país. Aonde vais? Ao funeral de um homem morto há trinta e três anos. O quê? Morto há trinta e três anos?, perguntou Margot. Sim, e procurar um livro maldito, concluí.

PRIMEIRA PARTE

1

Porto

1 de janeiro de 1991

Foi a olhar para cima, com uma certa surpresa no olhar, que Henri começou o ano de 1991. Durante algum tempo, observou o corpo pendurado pelo pescoço até, finalmente, regressar à receção. Ela está morta!, anunciou ele a Mário, o seu colega de turno. Morta? Sim, morta. A velha do quarto 203. Sentou-se na cadeira atrás do balcão de madeira envernizada e esfregou os olhos, pensando no que acabara de ver: a velha de profunda escuridão no olhar, hospedada há várias semanas no hotel, enforcada com o que parecia ser o cinto do roupão. Paris continua a arder, balbuciou para ninguém.

Com o medo a assombrar-lhe o rosto, Mário puxou-o pelo braço. Vamos lá os dois! Não quero ir lá de novo, gemeu Henri. Vamos! Empurrado por Mário, Henri subiu de novo ao segundo piso e caminhou devagar até ao quarto de onde continuava a sair o som de música clássica demasiado alto. Fora esse o motivo de um outro hóspede ligar para a receção àquela hora tardia. Pararam em frente à porta entreaberta. Entra!, ordenou Mário. Entra tu!, pediu Henri. Sou o teu chefe, estou a mandar-te entrar primeiro. Empurrado de novo, entrou no quarto. O corpo enrugado ainda lá estava, a balouçar ligeiramente, preso às traves de madeira do teto. Com passos curtos, Henri dirigiu-se ao gira-discos e desligou-o. O quarto mergulhou no silêncio. O que fazemos?, perguntou Mário. Não disseste que és tu o chefe? Então, com o desvario

a apoderar-se de si, Mário saiu do quarto, murmurando algo inaudível.

Henri ficou sozinho. Sem conseguir evitar, caminhou até ao corpo. Tocou nas pernas com varizes e encontrou-as ainda mornas e ásperas. Olhou para cima, para os olhos mortos e inertes, o rosto inchado e roxo. Desviou a atenção do cadáver e inspecionou o que o rodeava. Descobriu um envelope pousado na mesa de cabeceira. Pegou na cadeira tombada debaixo do corpo e sentou-se. Abriu o envelope, que vinha dirigido a «A quem me encontrar».

Fique a saber que lamento que comece o novo ano desta maneira, a ver alguém morto, mas gostaria que não se preocupasse. É realmente isto de que preciso para poder voltar a ser feliz: morrer. Nós, humanos, podemos viver tantas vidas, recomeçar de cada vez que não funciona, mas não sabemos. Já fui muitas coisas: bailarina, médica, imperatriz, prostituta e, nesta última vida, uma pintora nascida em Paris que se dedicou a pintar e a pintar, até perder o jeito e o propósito e envelhecer. Olho para esta cara enrugada e percebo que o meu tempo passou. Vejo as minhas mãos tremer e já não sei o que fazer com elas. Portanto, decidi morrer hoje na esperança de recomeçar.

Edith Minier

Ao ouvir passos no corredor, levantou-se e guardou a carta perturbadora no bolso do casaco. Mário apareceu acompanhado de um polícia gordo, vermelho do esforço de subir a escada. Quando viu o corpo, balbuciou algumas palavras sem sentido. Por fim, respirou fundo como que para se recompor e exclamou: Que ótima maneira de começar o ano! Posso usar o vosso telefone?

*

Fora uma noite demasiado longa para Henri. Chegou a casa às cinco da madrugada, exausto, a cabeça a andar à roda. Quando pôs a chave na porta do prédio do número 5 da Rua João das Regras, ansiava apenas por uma bebida e fechar-se no escuro, partilhando o silêncio com as paredes e móveis. Subiu a escada, passou por cima do vizinho bêbedo do primeiro andar, que dormia nos degraus, e entrou no apartamento. O luar entrava pelas janelas envidraçadas. Quando os olhos se habituaram à penumbra, despiu o casaco e pousou-o nas costas de uma cadeira. Acendeu um cigarro com um fósforo, abanando-o em seguida para apagar a chama tímida que emergira. Sentou-se no sofá velho e pegou na garrafa de uísque que se encontrava na mesa de centro. Nunca saberemos o que perdemos e valeria a pena ter vivido, pensou, enquanto se servia de um copo. E sei que concordarias comigo. Tu, a mais desesperada por sentir algo que fizesse os dias demasiado burgueses valerem a pena. E eu, o mais desesperado por sentir algo que desse sentido a dias vazios, mergulhados em bebidas e drogas e páginas difíceis de escrever.

Na sua cabeça, desfilavam memórias dolorosas que ainda não esquecera, mas que viria a esquecer com a loucura da idade. Talvez fossem a grande tragédia humana. Incapaz de permanecer sentado, caminhou de um lado para o outro da sala, vezes sem conta, apressado, como se fugisse, o copo de uísque na mão, tentando perceber o que acontecera naquele tempo, quando eram ainda criaturas belas e jovens. Até que, cansado e com os olhos raiados de vermelho, deitou-se no sofá e acabou por adormecer. Tinha o cigarro apagado na ponta dos dedos do braço esticado, as cinzas espalhadas pelo chão; sabia que tudo o que o rodeava estava irremediavelmente sujeito à erosão temporal do caminho até ao fim dos dias.

Vamos?, a pergunta soou na sua cabeça, por entre o barulho de fundo do Pierrot, onde se tinham encontrado pela primeira vez, na longínqua Paris de 1967. Viu-a a afastar-se pelo bar escuro, entre as mesas iluminadas por candeeiros, até à porta. E seguiu-a.

Étretat

Entre 1928 e 1946

Henri pensou várias vezes no suicídio durante a sua vida. A primeira vez foi quando Marion lhe disse que gostava mais do seu melhor amigo Marc do que dele. A ideia surgiu na sua cabeça, mas deixou-a rapidamente de lado porque, aos dez anos — e mesmo com o coração partido —, nem saberia como o fazer. A segunda vez foi aos doze anos, em 1940, poucas semanas antes de o exército nazi invadir o país, quando o pai os abandonou para ir morar com outra mulher da vila. Nessa altura, também não saberia bem como se suicidar, mas a ideia ficou na sua cabeça durante uns tempos, tal era o pânico e a insegurança que sentia. E a incompreensão. Principalmente a incompreensão. Num dia, o pai estava lá. No outro, não. A mãe deixara-lhe as roupas à porta, perante os olhares de deleite das coscuvilheiras. Os dias e as noites tornaram-se diferentes, mais longos e aguçados, e a mãe perdeu o emprego estável que tinha como costureira na loja mais elegante da vila, pois não tolerava sair de casa e ver as pessoas a cochichar quando passava, ou trabalhar sob os olhares de compaixão das outras funcionárias.

A situação piorou quando a guerra chegou a Étretat. A 13 de junho, Henri assistiu, escondido atrás das cortinas, à chegada das tropas alemãs. As ruas estavam desertas, o silêncio era apenas interrompido pelo barulho dos blindados e gritos numa língua que não compreendia. Nessa noite, muitos edifícios foram pilhados pelos

invasores, pois parte da população tinha fugido no mês anterior, refugiando-se noutras partes do país ou no estrangeiro. O pai de Henri fora um dos que sumira, como um rato, deixando a outra mulher para trás, logo após a declaração de guerra à Alemanha. Apenas voltou a Étretat depois desta libertada. Estive na resistência, lá no Sul, contou, mas ninguém acreditou.

Tudo mudou com a guerra. Num país espezinhado, a mãe de Henri passou a aceitar qualquer trabalho que surgia. Dependiam da boa vontade de quem conseguia ir mantendo os seus negócios, ou das poucas famílias ricas que não tinham fugido da vila, mas o dinheiro nunca era suficiente. Fazia entregas, voltou a costurar por encomenda e limpava a casa dos oficiais nazis que pernoitavam na vila. Henri ajudava-a como podia. Fazia também ele biscates, que lhe rendiam alguns francos ou senhas de ração, e continuava a frequentar a escola sempre que possível. A situação só não era pior porque o senhorio, um judeu muito alto e desconjuntado, estava desaparecido, e não havia ninguém para vir receber a renda da casa onde viviam.

Uma tarde, voltou para casa mais cedo pois, afinal, não tivera aulas. O professor não aparecera na escola. Cochichava-se que tinha sido fuzilado por fazer comentários menos próprios sobre os fascistas, e um substituto demoraria semanas. Quando Henri entrou em casa — uma casa pequena, em tijolos escuros e janelas de ladrilhos —, a mãe estava caída no chão da sala. Tinha a face ensanguentada e estava meio despida. Um oficial levantava-se e apertava o cinto das calças. Henri encostou-se à parede e susteve a respiração. Viu a roupa interior da mãe no chão, o vestido rasgado de lado. O oficial encarava-o, enquanto arranjava o coldre e os colarinhos da camisa, a suástica no braço. A tua mãe é uma boa puta, disse, com um sorriso na cara, o sotaque rude. E saiu.

Sem saber o que fazer, Henri, de lágrimas nos olhos, sentou-se ao lado da mãe e afagou-lhe, a medo, o cabelo. Mãe, chamou baixinho, mãe. Ela olhava fixamente para o teto, em silêncio, sem

nada responder. Por fim, minutos depois, ignorando-o, levantou-se e caminhou devagar até ao quarto, um fio de sangue a escorrer-lhe pela perna. Fechou a porta à sua passagem e Henri não a viu durante dias.

Foi nessa fase que a mãe de Henri começou a beber como se destoa-se dos lugares. Se já antes se tinha tornado demasiado dependente do álcool, depois daquela tarde perdeu a moderação. Passou a dormir quase o dia inteiro e a beber no resto do tempo. Apenas saía de casa para arranjar bebida, geralmente um vinho muito carrascão ou uma aguardente. O álcool mantinha-a anestesiada. Nesses dias, regressava muito tarde, já noite. No seu quarto, apenas com a cabeça fora dos cobertores, ele ouvia-a entrar atabalhoadamente em casa e fechar a porta do quarto com estrondo. Ao longe, sabia que ela chorava. Então, Henri sentava-se do lado de fora da porta do seu quarto e esperava por algo que não existia.

Umás semanas mais tarde, Henri começou a ouvir boatos pela vila de que a mãe se prostituía na casa dos oficiais. As pessoas calavam-se quando o viam a aproximar-se e começaram a desprezá-lo, mas ele já as ouvira ao longe. Nunca soube se era verdade, contudo, percebia que a bebida tinha de vir de algum lado. Henri podia tê-la desculpado de tudo, mesmo disso — afinal, tratava-se da sua mãe —, mas o que nunca poderia desculpar era a indiferença com que passou a ser tratado desde o dia em que se sentou no chão a afagar-lhe os cabelos. Era um fantasma aos olhos dela, invisível como um cão vadio. Então, passou a depender unicamente do dinheiro e da comida que ele próprio conseguia arranjar e que, por vezes, até roubava. Mesmo assim, tinha de fazer contas à sopa que sobrava na panela ao fim da noite e aguentar os olhares reprovadores dos que o sabiam ladrão.

Uma manhã, encontrou na cozinha uma garrafa de vinho ainda com um fundo. Entornou o líquido vermelho como sangue para um copo e provou-o a medo. O sabor era horrível, azedo como

vinagre. Cuspiu para a pia e tentou verter de novo o líquido para a garrafa. Porém, uma parte caiu para o chão. Baixou-se para limpar. Foi nesse momento que a mãe saiu de rompante do quarto e se aproximou. Henri levantou-se devagar e, quando a encarou, levou um estalo que o atirou ao chão. Sentou-se e fitou-a de lágrimas nos olhos, a mão pousada no sítio da estalada. Nunca mais voltas a tocar nisso, berrou. Um cheiro adocicado e enjoativo saía-lhe da boca quando falava, e Henri virou a cara com repulsa. A mãe pegou na garrafa e levou-a para o quarto. Henri deixou-se ficar sentado no chão, sem forças ou vontade de se levantar.

Henri habituou-se assim, desde pequeno, desde demasiado pequeno e assustado, a olhar para o abismo: um rapaz no seu pijama, percorrendo muitas vezes a casa vazia durante a noite, tentando encontrar algo que nunca poderia ser encontrado. Foi nessa altura que compreendeu quão pesado pode ser o silêncio. Olhava pela janela do seu quarto no segundo andar da casa em Étretat, vendo o mar estender-se no infinito do silêncio dos dias e das noites. O silêncio era como uma mão invisível que lhe apertava cada vez mais e mais a garganta, sufocando-o de forma cruel. Nessas alturas, abria a janela para deixar entrar o ar e o vento frio de mares remotos, lembrando-lhe que ainda estava vivo e que, um dia, tudo estaria acabado.

Foi assim que, numa dessas noites, revoltado, decidiu que nunca mais veria o pai, apesar de saber que carregaria para sempre o peso de não compreender o que acontecera. E realmente poucas mais vezes o viu: umas vezes na rua por piada cósmica, já depois do fim da guerra, uma outra vez no Natal de 1945, ao som do choro desesperado da mãe. A última vez foi quando já vivia em Paris, em 1956, no dia em que o pai o abordou pedindo-lhe dinheiro para um tratamento médico. Henri entregou-lhe o cheque com o valor dos direitos de autor que recebera uns dias antes pela publicação do seu primeiro romance e pediu-lhe que nunca mais aparecesse. E ele nunca mais apareceu. Nunca soube se a doença era verdadeira ou

se teria até morrido dela, mas pouca diferença teria feito, a decisão fora tomada há muito.

Durante aqueles anos de solidão, refugiou-se nos livros. Invariavelmente, passava na biblioteca da pequena vila para levantar o livro que lia durante a semana. Os livros apresentavam-lhe mundos novos, desconhecidos, e faziam-no ansiar por algo que não sabia descrever ou definir, mas que se caracterizava por um espaço vazio. Percebeu que a sua vida seria passada na procura do que o fizesse sentir completo e cheio, como as aventuras; no entanto, não sabia o que procurar, ou sequer onde. Apenas sabia que ali, em Étretat, não seria. Aquela era uma vila cheia de pessoas mesquinhas que apontavam dedos; uma vila cheia de destroços. Para Henri, os livros eram como portas mágicas e deslumbrantes para outras vidas. Deitado na cama, ouvindo ao longe o mar ou os barulhos que a guerra trazia à vila, lia tudo a que podia deitar a mão. Partia assim à descoberta de vidas alheias e sítios desconhecidos de onde tinha sempre dificuldade em regressar, pois, sem dúvida, eram melhores do que o mundo em que vivia. Os livros compensavam também a falta da escola. Com a prática de ler, consolidou a leitura e aprendeu a escrever bem e sem erros, ao contrário das outras crianças da aldeia, que nunca mais recuperaram os anos perdidos da França ocupada.

Foi numa das várias vezes que se deslocou à biblioteca que a conheceu. Numa tarde particularmente escura — corria o ano de 1943 —, no meio das estantes velhas e daquele cheiro característico dos livros usados, cruzou-se com Alice. Podia não ter reparado nela, mas era impossível não o fazer. A sua beleza pareceu-lhe perfeita; uma cara afilada, adornada de uns olhos azul-claros quase transparentes e um corpo curvilíneo que se lhe adivinhava por debaixo do vestido que lhe moldava a adolescência. Passaram meses a trocar olhares quando se encontravam na biblioteca por acaso, entre os livros que seguravam nas mãos, até que começaram a encontrar-se para os ler, nas falésias perto da vila, as praias ao

longe, percorridas por arame farpado e minas, os canhões alemães apontados ao céu. Certo dia, os livros deixaram de ser suficientes. Trocaram-nos por palavras e, mais tarde, as roupas pela nudez. Eram tempos de guerra, com prisões e fuzilamentos, fome, destruição, maresia misturada com pólvora, mas, para Henri, daquela época ficou o doce toque de Alice, a sua pele muito branca e suave, os seus seios redondos e pequenos, as suas mãos de dedos compridos.

A 2 de setembro de 1944, Étretat foi libertada. De mãos dadas, muito magros, porém felizes, Alice e Henri viram as tropas aliadas marcharem pela vila, e os veículos britânicos estacionarem diante da Mairie. Os homens, eufóricos, abraçaram os soldados aliados, as mulheres deram-lhes flores, havia lágrimas, ouvia-se as rolhas das garrafas de sidra a saltar, cinquenta e um meses de ocupação chegavam ao fim. De repente, um oficial gritou de uma das janelas: *A partir de demain, pain sans ticket, et Lundi, du pain blanc!*, e um aplauso percorreu as ruas.

Muito lentamente, a vida voltou ao normal, mas não para a família Benoît. Henri não conseguia arranjar emprego, apenas alguns biscates quando era o único disponível nas redondezas. Era também comum deixarem frases cruéis escritas na porta de sua casa, Vai para a Alemanha com os teus chulos, sua puta. Alice ajudava-os com algum dinheiro; continuava a trabalhar no único restaurante que se mantinha de portas abertas por aquela altura em Étretat. Sem rendimentos, Henri não conseguia fazer reparações na casa. Estava muito deteriorada, tinha humidade e buracos, partes do teto e estuque das paredes tinham caído com o impacto das bombas ao longe, o telhado metia água.

Para piorar, em abril de 1946, a mãe de Henri adoeceu gravemente. Definhou durante semanas na cama do quarto maior da casa de Étretat, as pernas inchadas, a pele e os olhos amarelados. O seu corpo cheirava a podre, o cheiro invadia a casa, e tinha feridas abertas na pele. Com a ajuda de um médico vizinho — que nunca

pediu nada em troca —, Alice e Henri cuidaram dela até morrer. Nos meses em que passou acamada, a mãe de Henri pouco disse, e ele também pouco perguntou. Há muito tempo que já nada havia a dizer entre os dois. Eram vínculos fragmentados algures no passado e que nunca deveriam ter sido quebrados. E não eram precisas grandes palavras para perceber que não era possível voltar atrás, até ao momento em que tudo se quebrara e mudara. Por isso, morreu calada, como se pagasse uma promessa, com lágrimas nos olhos, sem pedir ou dar nada em troca. Sem deixar nada, nem mesmo o vazio, porque esse já existia há demasiado tempo. Morreu do fígado, explicou-lhes o doutor Gustin, mas com a morfina que lhe dei não deve ter sentido quase nada. Observavam os três, em silêncio, o cadáver da mulher que um dia fora uma mãe afável. O corpo fora devorado pelo cancro, as suas feições já não pareciam as dela, como se algo a tivesse mastigado e cuspidado. Nos últimos dias, já só ingeria líquidos. Obrigada por tudo, doutor, agradeceu Alice, por fim, acompanhando-o à porta. Quando regressou ao quarto, viu Henri esbofetear o rosto morto da mãe. Tremia.

E foi no dia seguinte, durante o funeral de caixão fechado, com o vento frio do mar a bater-lhes na cara, que Henri percebeu que estava finalmente livre para partir daquele inferno e tornar-se em quem quisesse ser. Vamos para Paris. Partimos amanhã no primeiro comboio da madrugada, sussurrou ele ao ouvido de Alice, durante o enterro. Ela fitou-o, sem compreender o que queria ele dizer com aquilo. Então, perguntou de volta: Para Paris? Sim, respondeu Henri. Vou tornar-me escritor.

«MIGUEL D'ALTE DEMONSTRA, DESDE ESSE SEU PRIMEIRO ROMANCE, UMA GRANDE HABILIDADE NARRATIVA, ESPECIALMENTE AO ATAR DIFERENTES LINHAS TEMPORAIS, RELAÇÕES ENTRE REALIDADE E FICÇÃO, TRAJETÓRIAS DE PERSONAGENS DISTINTAS E, EM ESPECIAL, AO SER CAPAZ DE DESATAR ESSAS TRAMAS E REATÁ-LAS DE FORMA INESPERADA.»

Rafael Gallo

VERÃO DE 1967, PARIS

Henri Benoît é um dos escritores franceses mais reconhecidos. Depois de anos de excessos, alcoolismo e páginas em branco, aceita lecionar na Sorbonne. Respira-se mudança: é a véspera do Maio de 1968.

INVERNO DE 2001, PORTO

Após a notícia da morte de Henri Benoît, Jean-Luc Garrel, jornalista e antigo aluno do escritor, viaja para o Porto à procura de um livro maldito. Durante mais de três décadas, Henri Benoît viveu afastado da vida pública, desaparecido desde os eventos revolucionários do Maio de 1968.

Naquela que é a sua primeira obra, agora reeditada pela Penguin, Miguel d'Alte conta a história de um homem atormentado pelo passado, da maturação da sua escrita e da busca vã de compreender o tempo, o alcance dos erros, a empatia e o amor. Porque nem sempre é fácil perceber onde acaba a realidade e começa a ficção.

**PORQUE DESAPARECEU HENRI BENOÎT
DURANTE TRINTA E TRÊS ANOS?**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-342-3



9 789895 693423